

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

MATHEUS DOS SANTOS DIONISIO

Buracos Negros

Uma performance sobre o constante afeto-diáspora das Bixas Pretas

São Paulo

2020

MATHEUS DOS SANTOS DIONISIO¹

Buracos Negros

Uma performance sobre o constante afeto-diáspora² das Bixas Pretas

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Artes Cênicas,

Apresentado ao departamento de Artes Cênicas da USP.

São Paulo

2020

¹ Dio. Bixa, preta, ator, graduando/graduado em artes cênicas. Paulistano. Autor deste texto. Com muitas dificuldades em se descrever além do que já fez e faz na vida, se torna quem se é, literalmente, sendo e sobrevivendo.

² Conceito definido por Lucas Veiga em seu artigo “Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta”, p78, Revista Tabuleiro de Letras, PPGEL – Salvador, Vol.: 12; nº. 01, junho de 2018.

“[...]o “afeto-diáspora” como sendo a sensação permanente de estar fora de casa, fora da possibilidade de ser integrado e genuinamente acolhido onde se vive. A subjetividade negra é diaspórica, por trazer em sua memória corporal e genealógica a saída de seu lar, de seu espaço de segurança, de afirmação de si e da cosmogonia de seu povo.”

Nome: Dionisio, Matheus dos Santos

Título: Buracos Negros – uma performance sobre o constante afeto-diáspora das Bixas Pretas

Aprovado em: 16/12/2020

Banca:

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Primeiro, aos agradecimentos.

Agradeço aos meus pais, irmãos, irmã e familiares, pelo apoio na trajetória, pela confiança e pela paciência de observar meus processos constantes de construção e desconstrução, principalmente relacionados ao tema desta pesquisa.

Agradeço especialmente a Isabella Cristina Corrêa, vulgo Zazi³. Essa pesquisa é uma construção coletiva que realizei junto a Zazi, eu como ator, ela como dramaturga. A pesquisa só saiu assim porque Zazi estava presente, então, acredito que esse seja o agradecimento mais importante.

Em terceiro, agradeço aos amigos e amigas, especialmente a Vanessa Triviño, Laura Félix, Mariana Bittencourt, Ícaro Gabriel Pio da Silva, Danillo Batista. Pessoas que tiveram a paciência e afeto de trocar sobre a pesquisa, de forma muito significativa. Tem mais pessoas, mas essas foram especiais.

Agradeço a turma 015 do depto de artes cênicas da ECA-USP, pela jornada. Também, agradeço às pessoas que estiveram comigo em aula e ao longo do desenvolver da minha pesquisa, nossas trocas foram essenciais para levar a pesquisa para frente.

Agradeço aos mestres, professores e colegas com quem tive a oportunidade de aprender na faculdade.

³ Para saber mais sobre Zazi Corrêa, leia o apêndice *Zazi sobre Zazi*.

Dedicatória

Agradeço a todas as bixas pretas. Essa pesquisa não existiria se não houvesse nossas lutas políticas e sociais. Esse trabalho é para aquelas de nós que lutaram, pensaram e repensaram, produziram conhecimento, debateram, conseguiram direitos e espaço político para si e aos seus. São paras bixas pretas que lutam em todos os dias, a fios infinitos. Só produzi essa pesquisa porque vocês lutaram, me abriram o espaço para eu ser uma bixa preta e me permitiram estar vivo hoje para escrever, atuar e performar. Lembremos: nossos corpos são corpos que carregam nosso DNA ancestral. Se somos hoje o que somos, é porque alguém lutou para ser isso, no passado. Honremos nossos ancestrais de luta no agora.

Dedico também esse texto a todas aquelas que se interessarem por discutir, pensar, criar ou movimentar a existência de ser bixa preta.

A palavra bixa, para mim, é o rompimento com o olhar colonizador de sua própria sexualidade heteronormativa, a partir das performances de masculinidade e feminilidade que meu corpo afetivo não heterossexual pode ter, apropriando-se da palavra que dizia que não podemos ser. Também nessa apropriação, a palavra preta, como um corpo lido socialmente como negro e que, dentro de sua própria experiência e contradições de ser e se ler preto, vivencia o racismo estrutural, as violências históricas e suas repercussões diárias no coletivo e no ser preto. A bixa preta é a junção dessas duas vivências.

SUMÁRIO

1 – NOTA AO LEITOR	9
2 – INTRODUÇÃO.....	10
3 - DESENVOLVIMENTO I	13
4 – DESENVOLVIMENTO II	24
5 – DESENVOLVIMENTO III	34
6 – BURACOS NEGROS – ORDEM DAS CENAS I.....	37
7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
8 – REFERÊNCIAS	40
9 – APÊNDICE – ZAZI POR ZAZI ³	41
10 – ANEXO: FOTOS	43

NOTA AO LEITOR:

Acredito que antes de começar, devo falar de algumas coisas, para melhor entendimento do trabalho aqui dissertado.

Essa pesquisa é oriunda do trabalho de conclusão do curso de artes Cênicas na UOniversidade de São Paulo.

A escrita aqui presente está em formato de ensaio, e não de artigo.

Esse trabalho é poético, em sua essência. Portanto, a escrita, o desenvolvimento e as considerações, são poéticas. Também, é pessoal.

Esse trabalho iniciou-se em março de 2019, e foi aprovado pela banca no início de dezembro de 2020, editado e entregue à publicação em abril de 2021. Portanto, é importante pontuar que a pandemia do Covid-19 atravessou o processo, e seus impactos também. Por conta disso, os objetivos foram transformados, as metodologias também. De uma certa forma, descreverei um processo não só de pesquisa, mas também de adaptação.

A pesquisa aqui escrita fala de um processo em andamento, não finalizado. Portanto, descreverei de onde parti e aonde a pesquisa chegou até a entrega. Seus desdobramentos são imprevisíveis, mas pretendo que essa pesquisa se torne uma peça.

Acredito que é importante pontuar também que sim, a pesquisa tem um teor político. Contudo, se trata de uma pesquisa de atuação. Os pontos políticos aqui defendidos são a minha atuação, surgiram por conta do processo; de forma alguma o texto aqui escrito, a peça, minhas questões como corpo voz atuante e meus pensamentos sobre as questões políticas e sociais aqui levantadas defendem uma verdade absoluta ou um posicionamento que é o cerne da questão social. Acredito que definir uma verdade política absoluta sobre as bixas pretas é impossível, também. É um processo em fluxo.

No mais, aproveite a leitura. Quis escrever aqui de forma que você que lê, acompanhe meus movimentos, gestos e ações.

INTRODUÇÃO

Comecei essa pesquisa da falta de uma pesquisa. A graduação em Artes Cênicas na universidade de São Paulo me exigiu que eu tivesse uma pesquisa no final. Isso não foi um problema, porque gostaria de pesquisar mesmo; acredito que a pesquisa faz parte de um processo criativo de atuação, além de acreditar que as dúvidas movem a cena.

Mas acredito também que localizar quem é o ator nessa sociedade é muito importante, ao se pesquisar. Tão importante que isso em si virou minha pesquisa. Quem é esse ator, como ele é lido socialmente?

Existe uma dificuldade, ao expor essa pesquisa. Ao longo dessa vivência de dois anos que aqui relato, existiu envolvimento afetivos, emocionais, inter e intrapessoais que me moveram muito como indivíduo, como ator. Há uma dificuldade, inicial, em dizer, em si, o que é a pesquisa.

Porque ao me localizar na sociedade, me vi preto. E esse preto era um homem, era uma bixa. Bixa preta.

“Mas não se esqueça, levante a cabeça, aconteça o que aconteça.”⁴

Começo citando um trecho da música “Serei A”. Essa música me atravessa pela potência de seguir em frente. A vivência de *bixa travesty*⁵ preta de Linn⁶ e de mulher de Liniker⁷ são diferentes em relação a minha vivência, como bixa preta. Linn e Liniker performam sua existência a partir da experiência trans, enquanto, no meu caso, a experiência é cis. Se as chamaria de bixas pretas, aí.. Acredito que, como a própria Linn da ‘quebrada se denomina, ela é bixa travesty preta. Liniker eu pessoalmente, não sei. Porque *ela é mulher*⁸. Mas em aproximação, acredito que tenho muito afeto e identificação com o trabalho artístico das duas artistas. Pois nos três somos pretas, e já fomos com certeza chamadas de bixas.

⁴ Verso da música “Serei A”, de Linn da Quebrada & Liniker. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/serei-a/>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

⁵ BIXA TRAVESTY, Direção: Kiko Goifman e Cláudia Priscila. Produção: Evelyn Mab. Brasil, Paleotv, Valvula Produções. 2019. DVD, 75min.

⁶ Linn da quebrada, bixa travesty preta, performer, cantora, MC, que tive a oportunidade impossível de encontrar durante meus ensaios onde entrevistava bixas pretas na rua. Cordialmente, Linn negou-se a responder meu questionário, por conta de ela ser travesty, e não só bixa preta.

⁷ Liniker, atriz, cantora é uma das minhas maiores inspirações. Sua arte me inspira tantas camadas de afeto que não consigo nem extrair de mim tamanha admiração.

⁸ Verso da música “Goela”, de Liniker e os Caramelows. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/liniker/goela/>. Acesso em: 02 de maio de 21.

Falar da minha pesquisa é falar não só de minha performance, mas dessa performance que é experienciada por diversas bixas pretas, e que está em construção dentro de todas as expressões de gênero: “a bixaria das pretas”. Bixaria como a performance de ser bixa.

Dou início a pesquisa a partir de minha vivência como homem, cisgênero, preto, homossexual. Porém, sim, é importante pontuar que não irei me adentrar, neste trabalho aqui escrito, sobre gênero. Não tenho ferramentas ou pesquisas sobre isso, mas saio de um pressuposto, por experiência e observação, de que a bixaria não é apropriadamente homossexual. Queria sim, que tivessem mais teóricos para debater isso além de minha própria experiência.

Então, a bixaria preta é uma performance que passa por diversas de nós. Essa performance, que trato aqui, é em conceito a performance do ser, na sociedade, a partir de suas condicionantes sociais que levam seu corpo e sua voz ser uma dissidência do padrão social.

Ao me deparar com esse tema, tive a necessidade de buscar onde, o que, e como falaram das bixas pretas. Nas artes cênicas, academicamente falando, não encontrei nenhum registro outrora sobre uma experiência cênica dessa performance. Depois disso, fui buscar referenciais sobre a bixa preta e tive muita dificuldade de encontrar esses de uma forma onde conseguia falar digamos que, dela por inteiro. Encontrei referências teóricas sobre negritude, masculinidade, racismo, homossexualidade, gênero, LGBTQIA*s, afetividades. Mas ao me deparar com diversos pedaços soltos, me atentei ao como juntar isso tudo. (algumas referências estudadas foram Franz Fanon, Angela Davis, Bell Hooks, Sobonfu Some, Achille Mbembe, Stuart Hall, João Silverio Trevisan, Paco Vidarte, Javier Sáez, Sejo Carrascosa, André Lepeki, Jota Mombaça e outros)

Dentre tantos momentos de entender essas junções, Danillo, amigo a quem aqui agradeço, me trouxe um livro, recente, lançado no meio do processo de pesquisa: “*Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*”⁹. A leitura em si deste livro me trouxe

⁹ RESTIER, Henrique & SOUZA, Rolf Malungo de. *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. São Paulo. Ciclo Contínuo Editorial. 2019. Esse livro é um apanhado de artigos sobre as masculinidades negras. Tive a oportunidade de emprestar esse livro de Danillo, depois, ao longo da pesquisa, pude adquirir o meu próprio, em 2019, no Centro de pesquisa e Formação do SESC-SP. Além do livro, saí dessa roda de conversa com afunilamento da minha pesquisa. Busquei por muito tempo definir o que cenicamente buscava na vivência da bixa preta e a conversa inteira foi pautada nas narrativas e performances de masculinidade possíveis aos corpos negros. Também, ganhei autógrafos dos autores presentes, Henrique Restier da C.S., Rolf Malungo de S., e Bruno Santana. Link do evento disponível em <<https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/dialogos-contemporaneos-sobre-homens-negros-e-masculinidades>> Acesso em: 02 de maio de 21.

um enriquecimento não só no campo teórico, mas também no campo poético. Isso porque as imagens que encontrei nesses artigos foram disparadoras para o pensar nessas junções que estava me atentando. Inclusive, nesse livro, o artigo de Lucas Veiga¹⁰ “*Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta*”¹¹ me trouxe um conceito que tomei como o afunilamento dessa vontade. Nesse artigo, Veiga traz o conceito “afeto-diáspora²”. Acredito que, você, que me lê, deve entender o que isso significa, pela junção dessas palavras. Se não entendeu, lhe faço três perguntas para finalizar essa introdução: Qual sua definição de afeto? Qual sua definição de diáspora? Como isso pode estar junto?

A partir da descoberta do conceito afeto-diáspora, meus pedaços soltos faziam ligações diversas, hipotéticas. Havia a partir desse momento, duas vontades que motivaram e iniciaram a pesquisa. A primeira: entender mais e mais o que é essa performance de ser bixa preta e vivenciar o constante afeto-diáspora, a constante masculinidade, a constante homoafetividade, a constante negritude. A segunda: atuar sobre isso.

¹⁰ Lucas Motta Veiga, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ
Psicólogo, Mestre em Psicologia e Estudos da Subjetividade pela Universidade Federal Fluminense.

¹¹ VEIGA, Lucas. “Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta”, Revista Tabuleiro de Letras, PPGEL – Salvador, Vol.: 12; nº. 01, junho de 2018. Disponível em <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5176>. Acesso em: 02 de maio de 21.

Esse artigo, dentre muitas tentativas de pesquisa, foi o primeiro que me fala da bixa preta por inteiro e que conceituou sua e minha existência. Mesmo com as expressões artísticas de ser bixa preta e com os acessos sobre ser bixa preta que a internet propicia, Veiga me trouxe O conceito de afeto-diáspora². algumas passagens do livro, me trouxeram imagens que brinquei em cena. Quis ler seu artigo como se fosse uma história, improvisei ao longo das imagens, em alguns dos ensaios. Também li umas “vinte” vezes esse artigo com Zazi³. Esse texto tenta dialogar com esse artigo dele e também “Buracos Negros”, o espetáculo que estamos montando a partir dessa pesquisa.

DESENVOLVIMENTO I – Balanço do centro teórico, o olhar colonizador, o afeto-diáspora

Acredito que é importante pontuar alguns balanços teóricos que motivaram a pesquisa. A ideia dessa parte do desenvolvimento não é apresentar uma linha teórica sobre a bixa preta e suas contradições, opressões e resistências; a ideia é de pontuar pensamentos que me moveram, a partir das pesquisas teóricas, a atuar. Como já dito, é longe demais da minha alçada definir uma posição política sobre a performance constante da bixa preta. Acredito que é muito mais potente levantar essas dúvidas. Assim, começo.

A minha auto identificação como uma bixa preta foi uma questão que me permeou por muito tempo, diversas vezes por uma questão de legitimidade. Tenho legitimidade para falar de tal assunto? Algumas outras vezes, por questão de vivência mesmo. Tenho vivência o suficiente para ser um estudioso sobre? Em diversos quesitos, me aprofundi em estudar sobre quais eram os fatores fundamentais para que sim, esse reconhecimento meu, como bixa preta, fosse real. Que eu comprovasse isso na realidade.

Depois de um tempo pesquisando, eu entendi o porquê de tanta dúvida, se eu era, mesmo uma bixa preta. A base da dúvida era justamente o fator fundamental.

Segue uma das cenas feitas/escritas da pesquisa, chamada de “O Mito da Bixa Preta”¹²

¹² Essa cena, foi escrita por mim, num momento em que queria definir o que era bixa preta. A ideia não era escrever uma cena, mas sim escrever uma base, sobre o que era bixa preta para mim. O texto virou cena quando eu e Zazi nos encontramos, depois do início da pandemia da COVID-19, quando começamos a morar juntas. Foi num dia que lemos nossos cadernos de ensaio, para nos reaproximar da pesquisa depois de parar por conta das condições da pandemia. Ao longo de ensaios em casa, conversamos que essa cena faz muito sentido de ser o início do monólogo. As rubricas e as mudanças de fala foram escritas aqui depois de alguns experimentos com essa cena de maneira remota. Nesse texto, escrevo as cenas como pensei elas para teatro, sem minha dramaturgia saber.

Blackout. a bixa preta fuma do alto de seu cenário, com muitos cubos, mesas, cadeiras, sofás, poltronas, móveis e eletrodomésticos de todos os tipos, sem nenhuma ordem ou jeitos. Móveis se empilham de cabeça para baixo, em diversos pontos da cena, junto aos cubos, a geladeira ao contrário dando suporte a mesa, poltrona deitada e móveis formando esculturas. Dentre estes empilhados, um se destaca como o alto do cenário.

O ator: “O veículo não sou eu, é a bixa preta.

A bixa preta faz outra voz, e continua seu diálogo, cria uma conversa de um grupo de bixas pretas.

O que é uma bixa preta?

Definição de uma pessoa que é **preta**

(várias definições, mas é uma pessoa que possui a singularidade da qual a denominaram pessoa de cor)

e também é um ser lido socialmente como homem que se relaciona amorosamente, sexualmente, intimamente, afetivamente com outros que socialmente são homens.

O que é a relação da bixa com a preta?

Assim, as duas coisas se relacionam em um ser e a pessoa se é condicionada a todos os fatores sociais, objetivos, subjetivos e materiais de ser uma bixa preta.

Mas você é um homem?

O mito da bixa preta.

O racismo faz com que sejamos homens pretos. Mas a LGBT*fobia faz com que sejamos bixas. Bixas homens pretas que são e não são o que nos falaram que éramos.”

Agora, você se pergunta o porquê dessa cena após toda essa retórica sobre o fator fundamental. Acredito que o mito da bixa preta é uma base para toda essa discussão teórica que gostaria de fazer em cena.

Vamos analisar essa cena a partir do meu ponto de vista como pesquisador e corpo-voz atuante, para destrinchar a dúvida citada e o fator fundamental.

A cena começa com “o veículo não sou eu, é a bixa preta”. Isso é uma discussão sobre esse corpo-voz que não busca representar uma personagem ou um indivíduo, mas que tem a percepção que seu corpo e sua voz não são veículos, nesta cena e pesquisa, da expressão individual do ator. São ferramentas para atuar sobre essa vivência.

Após isso, vem uma definição sobre a bixa preta. Sendo objetivo, diria que a cena acima escrita toca, ao final, nos pontos essenciais: Racismo, homens negros, LGBTQIA*fobia, Bixas, ser e não ser o que nos falaram que éramos. Vou comentá-los, um a um.

Primeiramente, o racismo. E aí voltamos a dificuldade colocada na introdução. É muito normal falar de racismo para mim. É comum, a vivência diária da minha experiência como negro me leva a expor algumas contradições do processo de ser preta num país como o Brasil. Portanto, me é difícil organizar uma escrita sobre. O processo em si é violento; estamos falando de uma violência diária e estrutural. Como expor isso num texto? Numa teoria?

Decidi expor de uma forma explicativa, do meu ponto de vista. Não, caro leitor. Não conseguirei expor as teorias que fundamentam minhas escritas de uma forma extremamente organizada. Por conta de referências em diversas áreas do conhecimento sobre a bixa preta que, como formado em artes cênicas, não tenho conhecimento teórico e prático em todas essas áreas. Por tanto, irei expor agora, tentando explicar com algumas das referências dialogaram com minha experiência. A você, podem lhe parecer sem sentido ou completamente condizentes. Organizei ao final desse trabalho uma lista de referências com as quais eu tento dialogar ao longo desse texto; se necessário, até citarei algumas delas. Mas acredito também que esse texto é um veículo de transmitir minhas vivências como uma bixa preta, também é um veículo de expor outras vivências (que tive contato por entrevistas, mas isso eu lhe explicarei mais a frente) e expor o contato dessas vivências com a teoria. Sou um ator, portanto, me sinto mais artista que pesquisador. Minha linguagem para falar de tudo isso é pela arte; a partir de uma vivência que é uma performance, como comentar algo em movimento? Tornar estático algo que está em movimento em mim e em outras bixas pretas, é algo que exige bastante conhecimento e cuidado. Há uma multiplicidade nas vivências raciais e homoafetivas. Então, não espere que,

nesse texto, não haja desabafos e relatos meus. A ideia geral é tentar mostrar essa movimentação dessa performance de ser bixa preta. Caro leitor, esse erro não quero cometer, então, não o cometa: não tente tornar estático algo em movimento.

Mas, para organizar sua leitura, meu caro leitor: Me demorei para descobrir preta, mesmo sendo chamado¹³ de preto desde o nascimento. Não só me chamam de preto dentro da minha família, as vezes na rua, por conhecidos, desconhecidos. Mesmo me chamando assim, demorei para me entender como preto. Porque minha experiência primeira foi a negação. Mas sim, depois fui entender que não era sobre como eu me via, mas sim, por ser um fator social, era como eu era visto.

Voltamos ao racismo estrutural no estado brasileiro. Por vivermos num país onde é aplaudida a miscigenação, com a valorização de um ventre branco (de um ventre que gera uma criança branca), é constante a discussão sobre o colorismo; para quem não conhece, o colorismo ou a pigmentocracia é uma face do racismo que implica que a tonalidade da pele é fator determinante para exclusão social e racial que uma pessoa sofre¹⁴. Em outras palavras, quanto mais preta você for, mais racismo você sofre. Isso foi um fator que motivou que eu e outras bixas pretas demorassem a reconhecer-se como pretas. No movimento de sermos pretas, há esse buraco do colorismo.

Aí você me pergunta, por que isso seria um buraco? Comecei justamente assim essa escrita toda porque isso (Buraco) foi motivador de ensaios que tive nessa pesquisa artística¹⁵. O buraco: o colorismo, o racismo, todas as opressões as quais vou comentar aqui, trazem uma contradição inicial que, antes de desenvolver qualquer comentário, preciso colocar isso como premissa: há atravessamentos constantes de um olhar colonizador. Ao comentar o racismo, já me travo na dificuldade de que toda a construção da racialização das pessoas veio de um padrão colonizador, branco, europeu, que nos definiu como outros, os pretos. Adentrando mais nas contradições do racismo brasileiro, isso veio condicionado junto a uma desigualdade financeira, marginalização, uma miscigenação violenta, e uma desvalorização do identificar-se como negro

¹³ Acredito que cabe o ponto de que a intenção de ser racista e chamarem você de preto é diferente. Chamar-se de preto também é um ato de resistência, visto que isto é colocado como uma ofensa. Apropriar-se de palavras que nos ofenderam como ato de revolta.

¹⁴ COLORISMO: O que é, como funciona. Geledés, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/>. Acesso em: 02 de maio de 21.

¹⁵ Nos motivou por diversos motivos a palavra buraco. Antes de encontrar o conceito físico de buracos negros, nos aprofundamos a pensar sobre a contradição do genocídio do povo preto, de ser alvo por ser bixa, por ser preta, os buracos que nos enfiados para nos isolar e não performarmos nossos seres. Em alguns momentos, essa palavra também nos norteou nos ensaios. Chegamos depois nas estruturas, no buraco entre as estruturas. Estrutura foi uma das palavras norteadoras dos ensaios, que abarcou os buracos por um tempo, antes dos buracos negros.

pós escravidão desumana e violenta. Esse olhar colonizado já traz à tona o ponto de que nossa identificação individual pode ser múltipla. Não necessariamente todas as bixas pretas se identificam como uma bixa preta por conta desse olhar. Mas, exponho uma contradição: se estamos embebidos desse olhar colonizador como sociedade, independente desse ponto de vista individual sobre si mesmo, o olhar que terão sobre uma bixa preta é óbvio. Se você é negro, a sociedade o lerá como negro. Se você é bixa, a sociedade o lerá como bixa. Esse é o buraco: no Brasil, se você é uma bixa preta, você não consegue fugir disso. Mas esse olhar colonizador e que define como as coisas deveriam ser nos faz pensar também o que não deveríamos ser. Como bixas pretas, não deveríamos ser bixas. Porque somos homens pretos.

Aí vamos à discussão das masculinidades negras, antes de mergulhar na discussão das bixas pretas em si. Primeiramente, antes de me conectar ao que seria essa homossexualidade inerente em mim, adentrei forçadamente a entender que eu era um homem. Essa experiência de entender que a sociedade já te traz, no nascimento, não só um binário de gênero por conta das genitálias de alguém, mas um binário de masculino e feminino. Me atentei, no início, por proteção, a ser masculino¹⁶. Sempre com a premissa do olhar colonizador que qualquer feminilidade em mim me traria dor.

Partindo da premissa do olhar colonizador que molda o Brasil, que além de um país racista estruturalmente, também delimita seu gênero por conta de um sistema onde impera o patriarcado e uma estrutura de normatividade heterossexual e cisgênera. Ou seja, eu não vivo só num país que define e é desigual com pessoas pretas. Eu vivo num país que delimita o homem branco heterossexual cisgênero como centro do sistema, e toda dissidência (mulheres, negros e negras, LGBTQIA*s) desse padrão ocasionaria numa opressão sistêmica; quanto mais dissidências você experiencia dentro da vivência do mundo embebido pelo olhar colonizador, mais desigualdade você sofre.

Nessas condições, ao me olhar como homem antes de me olhar como bixa, eu entendi que me olhei como homem por conta das expectativas criadas em mim por conta da vivência como um homem negro. Agora trago uma visão do Franz Fanon (1925-1961) em *peles negras, máscaras brancas* (EDUFBA, 2008). Isso é uma experiência constante ao experimentar essa expectativa de ser um homem negro. “*Um homem negro não é um homem[...] o negro é um*

¹⁶ Cenicamente, expor essa visão de proteger-se dentro da masculinidade nos interessou muito. As cenas “máscaras” surgiu dessa discussão. As nuances entre as performances de masculinidades e de feminilidade dos nossos corpos, quais usamos para proteção? Quais para livre expressão? Quais máscaras usamos para nos defender?

homem negro.”(p.26). A definição mais elevada do que é ser um “homem” parte desse olhar colonizador que estamos falando. Existe, no homem negro, além de toda a expectativa impossível de conseguir ser um “homem”, também existe uma vontade de ser a definição mais elevada. Quando leio peças como “Anjo Negro” de Nelson Rodrigues¹⁷ ou “O Castigo de Oxalá” de Abdias do Nascimento¹⁸ me pergunto como essa expectativa dentro desse contraste entre a negritude e a masculinidade se expressa. Se ou pela violência contra as dissidências citadas (mesmo se encaixando em uma ou mais delas) ou por um castigo por negar sua própria existência. Se é para sempre ou é por ora. Mas nessas peças, as questões surgem pelos homens negros nelas representados. Não as bixas pretas.

Ao comentar as performances de masculinidades das bixas pretas, é importante localizar essas performances num não lugar dentro da masculinidade. Veja: As performances do homem negro, sem a bixa, já são performances que abrigam contradições e estereótipos acerca do homem negro. As buscas destes de uma performance que consiga conectar esses homens negros, consigo e com o mundo, como indivíduos neste coletivo, com suas subjetividades e objetividades relacionadas a sua experiência, contra o olhar colonizador, de libertação e reencontro pessoal é uma pesquisa de vida inteira, pois como disse, todas nós estamos em movimento, também o mundo está em movimento. Mas, ao adicionar a bixaria dentro dessa discussão, o buraco fica mais fundo e impulsiona mais o movimento.¹⁹

A bixa preta vivência tudo que já disse nesse texto, mas a experiência da bixa preta, dentro da masculinidade, é como buscar alcançar o extremamente inalcançável. Não se é masculina por ser preta e por ser bixa. Acredito que muitas bixas pretas vivenciaram isso, mesmo que com esforços incontáveis, sacrifícios e auto repressões.

Antes, precisamos falar um pouco mais do olhar colonizador. Vejamos, esse olhar colonizador é uma das bases estruturantes desse sistema que nós falamos. Destrinchando o sistema, esse olhar colonizador é uma das partes, então, do sistema capitalista, que encaixa os sujeitos dentro de uma perspectiva de consumo. Veiga fala muito no seu artigo “*Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta*” (2018) sobre a economia do desejo: essa perspectiva de

¹⁷ RODRIGUES, Nelson. *Anjo Negro*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira Participações, 2020.

¹⁸ NASCIMENTO, Abdias do. *Dramas para negros e prólogo para brancos: antologia de teatro negro-brasileiro*. Rio de Janeiro. Edição do Teatro experimental do negro, 1961.

¹⁹ Acredito que aqui começo a dialogar intensamente com o artigo de Veiga.

consumo dentro do capitalismo que, a partir do olhar colonizador, define aquilo que você deseja ser, consumir, estar, pensar e desejar. (p.82)

Partindo disso, vamos a uma perspectiva outra, de um indivíduo qualquer no sistema. Este é um vivente no mundo que carrega esse sistema. Portanto, primeiro: aquilo que esse indivíduo deseja a si mesmo passa pelo olhar colonizador. Passa sim. Numa discussão birrenta com você, caro leitor; tudo que você deseja para si mesmo passa por esse olhar, querendo ou não.

O olhar colonizador também passa pelo coletivo. Se consigo afirmar sem dúvidas que esse olhar colonizador passa por você, leitor, posso afirmar que ele passa por mim e por qualquer indivíduo. Você me perguntaria o porquê, mas você sabe que é porque vivemos nesse sistema que lhe custei a descrever. Então, é uma consequência. Vivemos no sistema, somos embebedados por ele. Agora, ao pensar nisso, conseguimos concluir porque socialmente, midiaticamente, individualmente, temos uma defesa tão arraigada de um padrão social, não só de poder e de consonância²⁰ mas de consumo e de desejo.

Agora, acho que conseguimos compreender um ponto fundamental para falar da masculinidade, novamente. A partir desse ponto de vista de que é defendido um padrão social de consumo dentro do orbe do capitalismo, conseguimos entender por que se dimensiona a dúvida da cena do mito da bixa preta: se uma bixa preta é um homem. Eu diria que depende do ponto de vista que você parte para analisar essa questão. Dentro do olhar colonizador, se a bixa preta é um homem? Eu diria que não, por ser negra e por ser bixa. Mas isso se utilizarmos-nos da visão de homem que o olhar colonizador define como padrão. Porém, isso não significa que essa bixa preta não possa ser masculina. Feminina. Ambas. As performances de masculinidade e feminilidade à parte do gênero não são defendidas dentro do olhar colonizador.

Ainda dialogando com Veiga (2018), aprofundamos mais o buraco quando começamos a falar de afeto. Veiga fala, em seu artigo, que a bixa preta vivencia um afeto-diáspora¹ constante. Vamos destrinchar os conceitos em movimento: é possível definirmos diáspora como uma imigração, dispersão, descentralização forçada de corpos e subjetividades a um local o qual não lhe é de origem; e afeto como formas de sensibilização que podemos ter conosco ou com o outro (pessoas, animais, objetos) que nos trazem movimento.

²⁰ Essa palavra, se opondo as dissidências. Mariana Bittencourt, uma amiga da licenciatura em Artes Cênicas, me trouxe essa palavra, dissidências, como um bom agrupamento de todas aquelas que não estavam consoantes ao padrão do olhar colonizador. Desde então, sempre uso essas palavras como dualidade.

Cabe a pausa, para o porquê das bixas pretas vivenciarem esse afeto-diáspora; seu local como preta lhe traz primeiro, a negritude, o local social que lhe é imposto pela violência que o racismo traz à tona. E, no espectro de consumo do capital e do olhar colonizador, só querem consumir as pessoas pretas. Não querem cultivá-las, amá-las e apreciá-las como bem merecem. É construído, inclusive, um imaginário de quem merece e não merece afeto. Diáspora 1.

E as bixas pretas são bixas. São bixas porque é de natureza delas, desde o nascimento, ser. Porém, é construído que elas não podem ser. Por que isso sai dessa escala de reprodução dos corpos para força de trabalho do sistema capitalista?!? Na verdade, elas não se enquadram no que é o símbolo de família, para o olhar colonizador; no espectro de consumo do capital e do olhar colonizador, a bixa não perpetua o sistema e suas bases. Nessa visão, a bixa preta não é aceita em seus espaços familiares, nas suas comunidades, nos seus quilombos, por não se enquadrarem como perpetuadoras do *cistema*. Pois bem, isso gera uma falta de espaços de acolhimento e afeto para a bixa. Diáspora 2.

E mais, quando um homem negro se assume bixa preta, seu papel dentro da masculinidade, que toda hora precisa alcançar o padrão do olhar colonizador se embranquecendo e reproduzindo os moldes do patriarcado branco, vira papel não masculino; A bixa preta é colocada como menos homem, por ser bixa. O problema é que ao homem negro é imposto que se torne, como já escrito, o macho padrão do *cistema*. Mas ele não é o padrão. E isso gera impactos na subjetividade, na forma de dar e receber afeto, na forma que você se comporta, na sua performance. Se isso acontece ao homem negro, imagine a bixa preta, que não se é homem o suficiente, por ser preta e bixa.

Lucas Veiga (2018) resume isso bem na palavra “Afeto-Diáspora²”: O afeto é diaspórico. O afeto que falta mesmo na presença. Falta, em alguns casos, até da bixa preta com ela mesma: não se enxerga como preta, não se enxerga como bixa e mais, gera em si uma diáspora tão intensa que, voltando ao artigo de Veiga, gera um afeto de auto-ódio (VEIGA, 2018, p.84). Esse afeto de auto-ódio das bixas pretas e de todas as pretas e bixas é justamente a significação mais intensa dessa discussão toda: quando uma bixa preta se entrega ao olhar colonizador, ao embranquecimento, a postura masculina padrão, a essência de uma performance conformada do seguir a negação de si mesmo, ela se perde no auto-ódio, podendo até espalhar esse ódio para aqueles e aquelas que ele considera os seus afetos, e direcionar também esse ódio aos grupos dissidentes. Ao dizer que é a significação mais intensa da discussão, isso exposto é o que o olhar colonizador quer das bixas pretas: adapte-se a diáspora que lhe foi imposta, a ti, aos teus, aos ancestrais desta terra. Aceite o sangue derramado, o

sangue derramando. Aceite que terás que se esconder, sendo quem se é. Reprima-te tanto a ponto de ignorar a repressão do próprio sistema.

Ao expor isso, me indago por que decidi falar disso. Do olhar colonizador. Eu acho que expor meu ponto de vista de olhar colonizador, afeto, diáspora, masculinidades, negritude, racismo, homossexualidade, traz a você, caro leitor, alguns dos pontos que tratei durante o processo artístico que realizei durante essa pesquisa. Acho que o olhar colonizador necessita ser exposto. Mas sua exposição por si só, sem levar a uma performance que é contra esse olhar, me é desgostoso.

Ao pensar que bixas pretas estão condicionadas a uma pressão de um afeto-diáspora beirando o auto-ódio constante, isso não lhe gera revolta? A mim, que lhe escrevo, leitor, gera. Pois ao entender que o olhar colonizador se faz como uma presença fantasmagórica espectral, me sinto tentado a quebrar com esse olhar. Não devemos, nós, bixas pretas, nos enxergarmos a partir de um olhar que nos oprime e nos condiciona a uma performance limite de um padrão hipermasculino branco. Não somos hiper masculinas. Não somos brancas. Somos bixas pretas.

Ao nos entendermos como uma bixa preta, não dentro das limitações e estereótipos que nos dizem que nos competem como bixas pretas, mas a partir de uma realização consigo e com os seus de que sua existência é assim, há a possibilidade da libertação mínima da performance condicionada pelo olhar colonizador. A partir dessa identificação, a bixa preta direciona-se a uma performance de constante quebra: sua vivência como bixa preta é anti-sistêmica; contrária a realidade colonizadora. Portanto sua performance tem como direcionamentos principais a sobrevivência, a fuga da performance imposta pelo olhar colonizador, a busca de um afeto ancestral consigo mesma, com os seus, a resistência constante de uma existência dissidente, a revolta contra a ideia do olhar colonizador, o impulso pela destruição deste olhar e sistema que o sustenta e, além disso, o reconhecimento para com todas aquelas de nós, bixas pretas; impulso à movimentação tanto às que estão vivenciando essa performance de constante revolta e, inclusive, às bixas pretas que estão estáticas performando aquilo que o olhar colonizador quer de nós. E a performance é constante entre nós e com o mundo, traçando nossas novas formas, nosso estilo performativo ao lidar com os nossos afetos, buscando algo além da diáspora ou o auto-ódio. E, algo além do olhar colonizador. Algo que rompa com as limitações. O sair, romper de dentro, as armaduras e muralhas que nos limitaram de ser.²¹

²¹ Acredito que defendo esses pensamentos em cena, mas socialmente, diversas das dissidências do sistema estão nessa disputa por uma nova forma de ser, além das imposições do olhar colonizador.

Acredito que, em cena, ao falar desses assuntos, me atento mais a atuar na corda bamba entre essas duas performances que me aparecem ao lidar com a bixa preta e o constante afeto-diáspora: a performance de ser e a performance imposta²². A segunda performance me interessa pois acredito que expor essa performance traz à cena a imposição social que às vezes, nos acomete, nos faz cair e nos paralisar dentro de um padrão. A primeira, porém, me interessa muito mais. Ao pensar nessa performance de ser pelos pontos que a direcionam, é criada a corda bamba entre as duas performances. Dependendo do movimento performático onde se encontra a bixa preta, ela se direciona, principalmente por sobrevivência, a realizar uma performance ou outra. E vice versa. A corda bamba se cria.

Ao falar da corda bamba em cena, com uma certa intencionalidade, a corda se rompe ou bamba para o lado de impulsionar essa performance de ser bixa preta, principalmente pelo que essa performance direciona.²³

Os fatos recentes (escrevo em 2020, durante a pandemia do covid-19) relacionados ao racismo no mundo inteiro expressam que a performance constante também se expressa na forma de revolta e na busca de uma performance não só para indivíduos, mas como negros e negras num país. No Brasil, caos. Em 2020, vocês contaram quantos negros que morreram por violência policial, como foram os que mais morreram (e menos vacinados) para covid...

Decido parar aqui.

Comecei a tentar definir algo em movimento.

Mas há uma violência constante também em movimento. E uma resistência e sobrevivência, de negros, negras, bixas. E sim, as mulheres. E sim, as mulheres trans. E sim, os homens trans. As travestis, as gordas, as lésbicas. As bissexuais. As pan, as demissexuais. De todas essas dissidências que vivenciam não só o olhar colonizador, mas a violência que esse olhar colonizador causa. Há um movimento acontecendo. Há uma disputa ideológica em curso. É impossível negar que estamos nos manifestando. A corda bamba e rompe para o movimento dessa manifestação e criação. A busca de um jeito de ser além disso, me leva ao meu olhar de

²² Coloco aqui como performance de ser como aquela performance de libertação do olhar colonizador para narrar sua própria trajetória de bixa preta. E a performance imposta como as nuances das performances exigidas pelo olhar colonizador, dentro de moldes das máscaras.

²³ De uma certa forma, existe uma zona de continuar na corda bamba, não ir para nenhum lado, manter as duas coisas. Há uma humanidade nisso e acredito que muitas de nós vivenciem essa nuance, entre uma performance de ser, com os seus, aqueles que tem afeto. E em ambientes onde é necessário proteção, uma postura dentro dos moldes do olhar colonizador. Porém, acho que aqui trago uma disputa. é como andar numa corda bamba, essa mesma corda é um cabo de guerra.

que a sociedade dentro dos moldes do capitalismo nos (de nós, bixas pretas ou dissidências) converge para quebrar o padrão de consumo que esse olhar colonizador nos impõe. Portanto, sem mais delongas, aceitar que nossas existências nunca serão incentivadas dentro desse sistema, e, se forem, é por uma questão mercadológica, sistemática e colonizadora. É importante romper para um dos lados da disputa; minhas visões trazem um rompimento brutal, e como dizem diversos teóricos, com todas as bases do sistema que sustenta a defesa do olhar colonizador. Isso, o olhar, traz à tona todo o porquê o sistema se embebedou por um padrão, onde ele se construiu. É impossível ele abdicar desse olhar colonizador sob nós, bixas pretas. Sob todas as dissidências. O sistema capitalista se trata de um sistema construído a partir da violência contra essas dissidências. É na minha visão, inclusive dentro das cenas, a construção de um rompimento brutal e revolucionário é o passo que vem depois do reconhecimento do local de performar. É pra onde seguir essa performance, leva.

Agora, expus a você, leitor, o que teoricamente me moveu a fazer essa pesquisa. Agora, vou expor como ela se movimentou.

DESENVOLVIMENTO II: O encaminhar da pesquisa, o lidar com o tanto, Buracos Negros, Dúvidas, Cenas, atuações.

Como havia falado, quando decidi que ia pesquisar sobre a bixa preta (sem chegar nesses conceitos que coloquei acima), tratei de sentar e pesquisar sobre ela, nas nuances ditas, entendendo o que era o olhar colonizador para mim, as estruturas que sustentavam esse olhar; entendendo como a bixa preta pode se emancipar e se construir ao repensar seus afetos, seu lugar no mundo e como agir como a própria bixa bomba, citando Jota Mombaça²⁴.

Além disso, houve um momento que senti que eu queria entrar em cena, mas tinha a dúvida se conseguia fazer isso sozinho; não entrar em cena, mas esse processo todo sozinho. A partir disso, decidi chamar a Zazi² Côrrea, para desenvolver a dramaturgia e para ser tanto um ombro de afeto como um ouvido, uma troca sobre a bixa preta, um palpite sobre a cena. Zazi atuou, nesse projeto comigo, não só como dramaturga, mas como ouvinte, pesquisadora, estimulando e pensando a encenação e a atuação comigo²⁵.

Começamos trocando sobre a bixa preta, sobre algumas de nossas referências teóricas; também, sobre as bixas pretas que conhecíamos. Sobre quem elas eram no nosso meio, tanto pessoal como academicamente falando; onde elas estavam na cidade; que espaços ocupavam. Só trocamos, mas não chegamos em respostas concretas ou absolutas. Nesses primeiros encontros foi que percebemos que precisamos de mais coisas; trocamos livros, trocamos textos da internet, muitas músicas, álbuns inteiros, filmes.

Tivemos outro encontro, onde nos encontramos frustrados²⁶ com essa referência artística, mas com pouca liga entre elas e sem disparadores para nossa cena. Nessa frustração, saímos dela não só com uma ideia, mas com um questionário, onde queríamos saber coisas que, para nós, eram importantes saber qual era a opinião das bixas pretas sobre assuntos que eram latentes.

Redijo, abaixo, o questionário:

²⁴ MOMBAÇA, J. O mundo é meu trauma. PISEAGRAMA. Disponível em <https://piseagrama.org/o-mundo-e-meu-trauma/>. Acesso em 02 de maio de 21.

²⁵ De imensa ajuda, opinião política, intervenções acaloradas na cena em movimento e disparadores narrativos, Zazi dedicou-se tanto a pesquisa que relembro sempre que essa pesquisa não é só minha.

²⁶ Frustrados e ao mesmo tempo felizes, pois, de certa forma, conseguimos começar por aí. Como disse no início do primeiro desenvolvimento, a falta de conceitos nos travou e, por isso, decidimos desembaraçar os fios, homem, bixa, preta, para tentar costurá-los. Se as referências teóricas se mostravam assim, poderíamos iniciar daqui também.

A – Informações básicas:

- 1) Autodeclaração racial
- 2) Autodeclaração de sexualidade
- 3) Profissão
- 4) Cidade, estado e bairro que mora

B – Homem e masculinidade

- 1) O que é ser homem para você?
- 2) O que é masculinidade para você?
- 3) Quais seriam os aspectos positivos e negativos da masculinidade, na sua opinião?

C – Homem Negro

- 1) O que é ser negro para você?
- 2) Você acha que ser negro te trás algum tipo de insegurança? Se não, por quê?
- 3) Você acha que sua condição financeira está relacionada com a cor da sua pele?
Por quê?
- 4) Você acha que lhe foi negado algum tipo de afeto por ser negro?
Exemplifique/conte.

D – A Bixa preta

- 1) O que é ser gay para você?
- 2) O que é armário para você?
- 3) Você acha que sua condição financeira está relacionada com sua sexualidade?
- 4) Nos seus relacionamentos homoafetivos, você acha que há diferença entre as relações com pessoas brancas e não brancas? Nos conte.
- 5) Você acha que sua masculinidade interfere nas suas relações homoafetivas?
Como?
- 6) Você acha que ser preta interfere nas suas relações homoafetivas? Como?
- 7) Como foi seu processo de descoberta como homem gay negro?
- 8) Você gostaria de nos contar alguma história ou experiência? Conte mais.

Essas foram as perguntas que fizemos. Decidimos por esse questionário, postamos na internet, pedimos para amigos nossos que eram bixas pretas responderem, para divulgarem, para tentarmos ter essas respostas. Por um mês, nossos ensaios foram dirigidos para as ruas de São Paulo. Buscamos bixas pretas pelas ruas do centro paulistano.

Questão interessante: Quando falo bixa preta, o que vem a sua mente? Como você procuraria por elas?

Sem lhe responder como fizemos, buscamos elas pelos espaços da cidade. No total, 10 foram entrevistadas, cada entrevista de por volta 20 min.

Pela internet, tivemos um total de 29 entrevistas.

As entrevistas não serão transcritas aqui. Se der tempo, elas estarão como um anexo.

Porém, sem alguma análise social. As análises podem ficar para alguma pesquisa futura, porém, por conta de falta de bases, acho que não consigo. E tenho preferência por trazer essas entrevistas agora não como um material de análise acadêmica, e sim artística.

Nessa pesquisa, o que fizemos com as entrevistas foram duas coisas: a primeira, conversamos, eu e Zazi, sobre as questões levantadas, se foram como ‘esperávamos’ ou não. Tivemos algumas respostas que seguiram a linha inclusive do afeto de auto-ódio, por motivos diversos. Mas respostas muito íntimas. Muito pessoais. Afetivas. Tivemos muitas respostas, tão diferentes, que entendemos que: se fosse para construir uma cena, um corpo, uma voz, não teria como encontrar um “como esse corpo se comporta?” “como ele fala?” Elas são muitas. Suas formas, muitas. Não há um “como” concreto.

E a segunda coisa foi o que faríamos com tantas leituras, entrevistas e trocas?²⁷ Decidimos depois de tanta de conversa, que nossas experiências com isso nos trouxeram material suficiente, para nos expressarmos. Então Zazi e eu nos encontramos no próximo ensaio com o intuito de nos expressarmos.

Anotamos algumas coisas importantes, que escrevo aqui:²⁸

“Entendemos que nossa estética era narrativa, pela fala, pela poesia e pela música.

‘como libertar-se da estrutura?’

Expressão – junção da bixa preta – performance. Corpo-voz divergente.

²⁷ E referências teóricas. Entre os ensaios que entrevistava bixas pretas na rua, surgiram experiências como o livro que peguei emprestado de Danilo e o encontro com o artigo de Veiga (2018).

²⁸ Antes desse momento, só entramos em cena uma vez, numa ação que desistimos. Tentamos montar um monólogo de Ismael, protagonista de *Anjo Negro*, de Nelson Rodrigues. Porém, percebemos de imediato que não queríamos estudar em cena de forma separada. Iríamos pesquisar antes, na teoria e nas entrevistas, os conceitos separados, e usaríamos a cena como momento de costura.

Sangue, morremos por liberdade.

Fazer pose: O que tem por de traz desse sorriso? Traumas. Revolta. Metáfora da peneira. Não se pode tapar o sol com a peneira. Garimpar até achar ouro.

Fim das anotações pré entrar em cena.

Eu propus uma experimentação em improviso, donde sortearia palavras no chão; essas palavras com temas importantes que levantamos dentro da discussão inteira. Algumas das minhas dúvidas que me moveram ao longo da primeira experimentação foi que performance é essa que levo para cena.

A partir dessa discussão toda, comecei a pensar que a bixa preta pode construir, ao seu redor, uma armadura, que a protege. Essa armadura é selada pelas contradições, entre quem ela é, e o que o olhar colonizador lhe impõe. É que nem a metáfora da corda bamba. A corda bamba seria a armadura, onde ela precisa irromper. No caso, um ponto importante da atuação, é a construção em si dessa armadura. Ou a própria exposição dela. Mas, acreditando que a armadura precisa irromper, dentro de uma perspectiva de afeto com os seus e consigo, que de dentro move essa armadura exposta, a corda bamba que bamba que bamba tanto até que se irrompe, de dentro para fora estourando e jogando seus pedaços no chão. Então há um segundo ponto: o processo de romper de dentro para fora. A pergunta, entre essas duas coisas, o mostrar e romper a armadura, é: aonde vem a crise? De onde vem o aguaceiro²⁹ que sai da voz, do corpo, da lágrima, como corrente sem pausa?

Descrevendo coisas que me motivaram nestes improvisos. Que viraram muitos improvisos. Nos papéis, haviam muitas palavras escritas; as selecionadas no primeiro improviso foram:

Quem é você, bixa preta?;

Privilégio-Acesso;

Afeto;

²⁹ A palavra aguaceiro veio de uma das entrevistas, realizada com Ícaro Gabriel Pio da Silva, graduando em artes cênicas na USP. Ele, ao relatar sua experiência com sua voz, seu falar e cantar, ele diz: “Nós, que somos pretos, parece que tem uma rolha na garganta. Aí uma hora não dá mais. A gente precisa falar. E a rolha sai, e com ela sai o aguadeiro”.

Negação;

A dificuldade: Trauma/revolta;

Padrão/estrutura;

Aguaceiro;

Muros.

Nesse mesmo primeiro ensaio para improviso, Zazi propôs um jogo com uma pergunta: que máscaras são essas da bixa preta? Como coloco e tiro essas máscaras na cena? (você pode ler de uma perspectiva fanoniana e/ou de mascaramento teatral, caro leitor)³⁰.

Nestes improvisos, me coloquei a contar histórias. Havia, desde o início, um movimento desse ator contar histórias que se passaram com outras pessoas e com ele ao mesmo tempo; me distanciando dessas personagens, na cena, ou por uma perspectiva mais dramática de vivenciar essas cenas, sendo múltiplas personagens ao mesmo tempo. As palavras me despertaram temáticas que gostaria de tratar em cena, experienciando formas diferentes de narrar a partir dela.

A partir disso, eu e Zazi decidimos mudar algumas das palavras, para facilitar tanto nossa visualização do processo inteiro como a atuação. Dessas modificações, eu anotei algumas coisas, e isso foi um procedimento que usamos muito para construir os improvisos e os ritmos dos próximos ensaios: conversamos muito, repensávamos juntos as coisas que me motivaram e moviam a dramaturgia, trazendo camadas para o discurso por inteiro.

Às palavras³¹:

Movimento.

Vida.

Divergente.

Silêncio.

Trauma.

³⁰ Numa tentativa cômica de relacionar o livro de Fanon (2018) com o conceito de mascaramento cênico, que foi tratado durante algumas das aulas da graduação.

³¹ As palavras mudavam por conta de toda a costura que fazíamos em cena. As palavras foram se juntando e se transformando por conta das demandas de discurso e afunilamento da pesquisa.

Revolta.

Sufocamento.

Afeto.

Cura.

Violência.

Alvo.

Nu.

Corpo Atentado.

Conversar com a Zazi durante a pesquisa inteira foi um dos procedimentos mais revolucionários que pude ter para cena; com alguém além de mim, eu entendia além do meu ponto de vista, como ator; entendia esse outro ponto de vista, do discurso, do que eu falo, do que acontece em cena, do que esse texto precisa alcançar. Ter alguém comigo que pensa esse texto foi inovador, pois a relação minha como ator com a dramaturga é um dos elementos fundamentais desse processo inteiro. Me senti como se não estivesse chegando a algum lugar sozinho, mas em coletivo.

Também, acredito que o improviso, como já dito, e o sorteio das palavras citadas foram coisas que motivaram muito os experimentos que seguiram; desde que entrei em cena pela primeira vez, não parei até o fim do ano. Então, fiz muitas e muitas cenas; em alguns ensaios, por conta dos horários, não conseguia fazer todas as palavras. Então isso gerou cenas diferentes, muitas linhas narrativas diferentes³². E no mesmo ensaio, no fim, trocamos palavras, tiramos algumas. Acredito que tenho poucas anotações sobre isso, comparado a Zazi. Na maioria do tempo, estive em cena, então, não anotava. No fim dos ensaios, anotei coisas rápidas sobre a cena, como algumas delas surgiram, mas nada aprofundado, por conta do cansaço e do tempo apertado.

³² O sorteio foi de grande significado para a construção das cenas. Isso porque essa aleatoriedade me tirava o controle de como conectar as coisas. Veja, eu entrava em cena, sorteava uma palavra, e, quando sentia que “esgotei meu tempo”, sorteava outra e fazia conexão; às vezes, por conta desse procedimento, algumas personagens surgiram e era a mesma personagem, narrando diferentes palavras; às vezes, eram cenas distintas e sem conexão entre as narrativas. Mas toda essa aleatoriedade nos trouxe mais ligação entre palavras e nos forçava, em alguns ensaios, a fazer as palavras que ainda não foram improvisadas.

No movimento dito de expor e destruir a dita armadura imposta pelo olhar colonizador, por conta de desenvolvimentos e discussões artísticas pelas palavras sorteadas, que me levaram as cenas. também as teorias lidas, entrevistas e as discussões dispostas no primeiro capítulo, eu surgia nos ensaios com a Zazi sempre animado. Era sempre um: “olha que legal, Zazi, eu li esse artigo/filme/série/livro e isso me trouxe essas conclusões”; e eu e zazi conversávamos. Falávamos das cenas da semana passada e como isso era conectado ao que eu trouxe, ou que ela trouxe. Falávamos, dos textos, das palavras. Mas no começo foi tudo o que foi relatado: a frustração de não achar referências em bibliotecas, na academia, achar isso um pouco na internet, conviver, ser, achar artigos com amigos, conversar e entrevistar bixas pretas, performar histórias ouvidas, situações discutidas a partir de cada momento de inspiração. A discussão no primeiro capítulo acontece nessa concomitância, entre os estudos de textos, de artigos científicos e não científicos, junto a minha própria experiência, convivência e construção de ser bixa preta, junto à zazi, que me observa em cena, lê alguns dos textos comigo, conversa e até intervê as cenas.

Vimos como cena o que fazíamos quando vimos que surgiu esse procedimento de improviso com sorteio de palavras. Cenas que levamos para sempre; Mesmo com o surgimento de cenas, nos mantivemos neste procedimento para ver que cenas surgiam, mais e mais. E ao garimpar as palavras, surgiam mais e mais aprofundamentos. Percebemos que uma palavra se conectava com a outra, que carregava significados de outras discussões. As palavras não eram só elas, as interligações traziam os movimentos dentro das cenas e histórias. No fim, ficamos em uma divisão, para tratar a forma de lidar com nossas cenas nos improvisos: definimos que, para expor e quebrar a armadura, precisávamos dos movimentos e vidas: Os movimentos, eram nú, trauma, e corpo atentado. As vidas eram os afetos, as curas e os silêncios. Chamo de movimentos o que movimenta o ator, o texto e a cena. E de vida o que é a potência, o que sustenta, a energia pulsante dos movimentos.

Depois disso, entramos no buraco negro.

Veja bem, eu escrevi um texto, para uma cena, que nos abriu ao buraco negro (é importante pontuar que escrevi algumas coisas, dramaturgicamente).

Não sei se o texto em si é importante. Acho que descrever como nos movimentamos depois dele é o mais importante. No texto, refleti sobre o texto de Jota Mombaça, *O Mundo é*

*Meu Trauma*³³. Zazi olhou para minha reflexão poética sobre o texto de Jota e me disse: é o buraco negro. É o vazio que sugou tudo, destruiu tudo, e você saiu dele para contar a história. A partir disso, queríamos porque queríamos conectar a bixa preta ao buraco negro. Assistimos vídeos, documentários, pesquisamos a física que envolve o buraco negro³⁴.

Partindo disso, com esses movimentos e essa vida, decidimos falar de buracos negros em cena. As cenas surgiam e ressurgiam no espaço de improviso, agora sem palavras, mas com esses motes de movimentos e vidas, quando entrei em cena de novo. A partir daí, cenas que fizemos antes começaram a ser lapidadas. Tentativas fúteis, inúteis e sem nexo de um ator tentando conectar a bixa preta, o afeto-diáspora, a corda bamba, o ser e o romper a armadura ao buraco negro aconteceram entre uma lapidação e outra. E fomos chegando a pontos legais na conversa sobre o buraco negro. Para nós, não importava se faz sentido. A performance e a atuação da bixa preta não é algo que faz ou não faz sentido. É algo em movimento, com vida, se descobrindo e criando no mundo. O jogo em si era legal. Conectar essas coisas. Ideias e ideias surgiram dessas brincadeiras, para cenário, para cena em si, o texto. Mergulhar no buraco negro foi interessante, porque além de pesquisar sobre ele, eu precisava construir artisticamente com a bixa preta, com seus movimentos e vidas. O buraco negro foi uma imagem poética que me distanciou e me aproximou da bixa preta, justamente o que na atuação, eu diria que no momento da cena e como ator, eu precisava.

Perguntas como “Como romper as máscaras? Como curar os machucados do rompimento? Como sobrevivemos ao buraco negro?” moveram a cena por muito tempo. Por vontade, agora com alguns protótipos de cena e com algumas histórias e narrativas já formadas, voltamos a sortear, mas não mais palavras, mas agora cenas específicas. A partir disso, desenvolvi não só um fluxo com as cenas e um entendimento do que cada um dos textos trabalhava, mas também entendi meu corpo, que dúvidas me moviam a cada cena, o que queria revelar, como revelar.

Pausa para férias. Dezembro/2019, janeiro/2020. Voltamos em janeiro.

³³ MOMBAÇA, J. O mundo é meu trauma. PISEAGRAMA. Disponível em <https://piseagrama.org/o-mundo-e-meu-trauma/>. Acesso em 02 de maio de 21.

³⁴ NÃO SOU ESTUDIOSO DA FÍSICA, ENTÃO NÃO SEI DEFINIR FISICAMENTE E COM CONCRETUDE ESSE PONTO ALÉM DO ESPAÇO DE DENSIDADE E GRAVIDADE TÃO INTENSA QUE SUGA TUDO O QUE PASSA, ATÉ A LUZ.

Depois de uma pausa para férias, decidimos nos encontrar em ensaios teóricos, para rever pontos da teoria, mas também tocar nas cenas, dar nome a elas e entender sobre o que elas são. Diria que foi necessário passar por esses procedimentos de entender as cenas junto a revisão teórica, porque algumas cenas, por conta dos improvisos, traziam discursos flutuantes. De improviso em improviso, esses discursos flutuantes apareciam, mas as vezes eles não eram essenciais, no sentido dramatúrgico e cênico. Eram mais temáticas levantadas, que estavam presentes direta ou indiretamente nas cenas, mas que não centralizavam a cena.

Também, por conta de uma gama de narrativas diferentes, que foram construídas de formas diferentes, tivemos que nos propor a cortar a maioria desses discursos. Porque sentíamos a necessidade de finalizar. No sentido de centralizar o discurso de cada cena e pensar também na ligação entre as cenas, alguns discursos flutuantes se tornavam mais interessantes em cenas que não originalmente elas estavam, e as vezes era realmente só uma maneira de preencher um espaço vazio com algo que não é muito significativo.

Darei um exemplo. Um discurso importantíssimo que decidimos trabalhar no processo é de trazer histórias da solidão que as bixas pretas sentem, por conta da vivência afetiva-diaspórica das bixas pretas experienciam. Em uma das nossas discussões ao longo dos procedimentos, chegamos até discutir que a solidão em demasia pode levar a loucura. Inclusive chamamos uma das cenas de “A Loucura da Solidão” onde gostaríamos de tratar aspectos diferentes da solidão e da loucura. Porém, nas tentativas de improviso, em alguns momentos o discurso da própria loucura se tornava flutuante, no sentido de que: por que quero representar as bixas pretas como loucas? Pode trazer essa leitura? Ou no sentido de: a loucura em si está tão grande que é difícil relacionar a loucura com a solidão. O auge dessa situação foi quando, em improviso, construí cenicamente uma versão dessa cena donde conversava com uma rocha, que a chamei carinhosamente de “pedrinha”. Nesse improviso, cheguei ao ponto de até fazer o velório da pedra. Me foquei muito mais no discurso da loucura do que no discurso da solidão, o que trouxe uma falta de sentido para a cena que trabalhamos. Após esse improviso, Zazi só me olhou e disse “não gostei, tira essa pedra de cena, eu não vou escrever sobre isso”. Quando eu perguntei o porquê, ela só disse que “se você quer tratar de solidão, para ter sentido a construção da loucura, você tem que fazer isso sozinho, sem muletas, apoios, pedras, rochas. Você sabe construir isso bem, você já fez isso antes.”.

Nesse sentido, diria que o discurso da loucura é um discurso que flutua, não necessariamente preenche a cena. Só paira sob o ar da cena. Trazer alguns aspectos da discussão, como uma dúvida a ser respondida pelo público, não como uma certeza a ser

defendida pelo ator... Isso foi uma das coisas que mais motivaram esse momento de revisão das cenas e da teoria... Por que dizer ao público tudo sobre nossas formas de afeto e de diáspora, sendo que podemos mostrar nossas nuances, contradições e questões não respondidas? Algumas coisas, ainda, precisam ser expostas, como exemplo, a violência e a opressão do olhar colonizador. Mas de que forma?

Decidimos nos inscrever no encontro de teatro universitário de 2020 para abrir o projeto, marcamos datas, reouvimos as entrevistas. Nomeamos essas cenas, mas ao mesmo tempo queríamos revisitar elas em cena, após alguns recortes de discurso.

Entrei em cena, o que? uma vez, duas, não sei, mas revisei algumas poucas cenas.

DESENVOLVIMENTO III: A pandemia, o devir artístico: acumulado de produções sem fim, sem forma, sem lugar.

Acho que já deu por aqui. Vou começar a terceira parte do desenvolvimento, porque justamente no meio das experimentações, antes de eu fazer alguns improvisos marcados, veio a pandemia do novo coronavírus, e é isso que se deu. Meu projeto em si; mesmo me formando agora, o que redijo abaixo é um processo em adaptação. Mesmo com referências, a pandemia me trouxe o nível de percepção no qual comecei me comunicar para quem escrevo, caro leitor. Os impactos da pandemia são muitos, financeiros, na qualidade de vida, na saúde física, emocional, mental, espiritual. Acredito que essa parte do processo seja importante desenvolver porque a pesquisa não parou. Como disse, adaptação.

Quando descobrimos sobre a pandemia, os ensaios foram desmarcados, a USP fechou e não conseguimos seguir nos improvisos. As perguntas, que ficaram do último ensaio improvisando as cenas foram ‘quais são minhas vozes, como ator? & o que eu quero do público?’” Chamei uma amiga minha, também do CAC, Mariana Bittencourt, para assistir esse último improviso e ela me trouxe essas perguntas. Sem respostas, segui o caminho dentro da pandemia.

Já tinha começado a matéria do TCC, fui em uma aula presencialmente. Depois de algumas semanas após o início da pandemia, reiniciamos a aula de maneira remota, com o intuito de conversar sobre o que seriam nossas pesquisas, mesmo que no método de ensino a distância.

Nesse entre tempo, do início da pandemia até a volta as aulas, eu simplesmente me desliguei da pesquisa. Às vezes, me vinha lapsos de perguntas e perguntas, reflexões e reflexões que escrevia em folhas vazias, cadernos diferentes. Mas acontecia uma vez ou outra, e com grandes quantidades de escrita.

Após o início das aulas, me voltei novamente a repensar o que era a pesquisa, com afunilamento. Aqui nessa escrita, acredito que trouxe o melhor que pude desse garimpo e afunilamento todo que tentei falar.

A partir dos retornos realizados pelas aberturas de pesquisas com as pessoas que estavam comigo na matéria de PT – Atuação e Atuação IV, re-compreendi muitas coisas sobre a trajetória inteira que passei, por isso não conseguiria escrever o que escrevo aqui sem essas trocas. Graças a elas, eu encontrei esse local de performance narrativa, do olhar colonizador, da

corda bamba, das histórias que contava como se eu estivesse vivendo elas no momento do contar. Não que eu tinha noção por completo enquanto passava pelo processo que descrevi no desenvolvimento anterior. Mas esse momento da pandemia me trouxe a noção do que eu fazia em cena, e com muita força trouxe também a vontade de voltar a fazer o que eu fazia, mas fazer inteiro, como planejamos, Zazi e eu; uma dramaturgia posta em cena por um corpo-voz atuante, para um público.

Cheguei até a duvidar do processo, durante essa pandemia. Se o afeto diáspora da bixa preta realmente importa, se isso é potente. Mas sim. Reencontrei potência, em mim, junto a Zazi e algumas reuniões esporádicas. Além de trabalharmos juntos, Zazi e eu somos muito amigos, e trocamos nesse tempo inteiro de pesquisa não só sobre a pesquisa, mas também nossas vidas. Zazi e eu traçamos várias tentativas, como fazer performances por vídeo, ler textos, mas nada nos trouxe de volta a sensação do que queríamos nas cenas.

Realizamos esses procedimentos para lidar com essa falta. Trocamos, mas ao longo do tempo, a vida nos levou para outros caminhos; decidi morar com ela e outros amigos, por motivos financeiros. Também, estava sozinho durante a pandemia, fiquei 3 meses só. Ao mesmo tempo que me reencontrei em solitude, me reencontrei também com um isolamento que poderia me levar realmente a uma loucura; rimos disso, Zazi e eu. Relembro a cena, “a Loucura da solidão” que trata da solidão de ser bixa preta. A experiência só foi muito enriquecedora. Abro isso, pela relação com o trabalho.

Desde que reencontrei com a Zazi, voltamos aos poucos. Reencontramos os nossos cadernos de ensaio aos poucos. Não nos víamos há tanto tempo que não queríamos só trabalhar. Após esses descansos, esporádicos, decidimos escrever juntos a dramaturgia.

Mas foi um processo muito bom esse ein? Escrevemos e depois decidimos mudar tudo, como sempre fazemos. Decidimos que íamos manter as funções. Zazi ia escrever a dramaturgia, e eu, ia escrever o que me movia, quais dúvidas eu tenho sobre cada cena. Antes, nesses procedimentos de escritas, escrevemos algumas cenas, mas no fim, mesmo com esses textos nossos, Zazi ficou com a responsabilidade de conectar as cenas, de criar o eixo dramático.

Posso aqui já encerrar. Porque após isso, Zazi e eu escrevemos. Mas na medida posta da pandemia. Inclusive, continuamos, até hoje, escrevendo, no tempo que nos compete, na criatividade que surge nos movendo. E esperamos um dia, sim, entrar em cena novamente, naquela onde há público, e muito, se possível. Há também espaço para chamar de palco. Porque há contínua vontade de atuar. O processo em si é ser compartilhado. Compartilhar esse eu, essas

vivências e histórias, e ver em quem me vê seu próprio compartilhamento. Como meu eu afeta essa pessoa. Ver a imensidão dessas histórias.

Para nós, isso nunca foi a público. Nós temos uma proposta, e não sabemos realmente o que ela gera. Sabemos o que ela gerou em nós. Mas dos outros? Inclusive, houve momentos de realizar experimentações como ator, onde pessoas que nunca tiveram contato com o projeto artístico assistiram; mas foi remotamente, tudo por perspectivas virtuais. Acredito que a arte audiovisual, fotográfica, tem uma linguagem que admiro muito, mas em uma perspectiva mais concreta, ainda me é difícil conseguir traduzir o que quero falar para outra linguagem. A palavra que me motivou durante os momentos em que abri virtualmente meu processo artístico foi tradução, por conta dessa perspectiva de não ter rigor para criar dentro dessas áreas artísticas. Mesmo com as experimentações sobre teatro ao vivo por vídeo, nunca tive contato ou vontade para criar esse rigor também. Por isso estamos escrevendo. Acho que queremos escrever para teatro, mas queremos fazer esse tipo de arte, dessa forma; como disse, com ator atuando o texto escrito sobre essa pesquisa toda, com um espaço adequado para chamar de palco e com público, se possível, muito.

Houve também trocas comigo sobre a as cenas performadas remotamente, inclusive, dentro da própria banca. Com a falta de rigor estético/poético que já citei, sinto que não consegui ter o corpo voz que queria, o corpo voz que já criei e me foquei muito na narrativa que sai pela voz. Foi um processo estranho de tradução, de uma língua a qual não sei falar, mas falar sobre um tema que sou nela. As trocas trouxeram justamente o ponto da voz. Também, trouxeram questionamentos de para quem eu escrevo, ou para quem eu atuo. Eu acho que faço isso para quem quiser saber, ou sobre o tema, ou sobre a cena, ou sobre mim nesse processo.

Me senti aliviado a reler meus cadernos de ensaio durante esses processos. Neles, meu trabalho de escrever o que me movia e as dúvidas de cada cena estavam praticamente prontos, como ponto de interrogações expostos. Eles me traziam o acalanto de lembrar sobre o que eu precisava dizer e escrever, nesse texto ou em cena.

Não sei como encerrar esse trabalho. Posso expor as cenas, posso citar uma a uma e dizer o que me move nessas cenas e sobre o que elas são.

Mas, caro leitor, acredito que você só compreenderia tudo o que quis dizer nesse trabalho quando você assistir ao espetáculo que criamos.

Mas nisso tudo, Zazi e eu decidimos criar uma ordem das cenas, e vou aqui expô-la.

Buracos Negros, ordem de cenas I

- 1) Giz Branco + Mito da bixa preta
- 2) Deus
- 3) Mostra-se e refaz
- 4) Como me apaixonei pela primeira vez
- 5) Cabelo Bagunçado
- 6) Espelho/crush
- 7) Costura + avó
- 8) Máscaras
- 9) A loucura da Solidão
- 10) Apagar o Giz
- 11) Acerte o Preto
- 12) História do Zé
- 13) Bola de futebol
- 14) Casinha
- 15) Cú+Sexo
- 16) Rio Negro
- 17) Matemática

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cenas criadas ainda não têm texto pronto; os textos ainda estão em desenvolvimento.

Gostaria de apresentá-lo, presencialmente, como o espetáculo que deveria ser.

E assim, digo que expus ele na melhor maneira que podia por escrito, dentro deste tipo de texto que escrevo. Acredito que para compreensão total do meu ponto de vista, é mais interessante assistir ao processo em cena. Por isso, caríssimo leitor, lhe convido a assistir aberturas do processo e, quando finalizado, ao espetáculo.

Eu e Zazi decidimos chamar o espetáculo de Buracos Negros, pela densidade dos assuntos relacionados a um único ponto, extremamente massivo, um colapso de uma estrela em um único ponto de si mesma, densa, intensa; e pela ligação, para nós, poética do nome. Decidimos nos chamar de Tecitura Coletiva, por conta dos momentos de ensaio onde costurávamos assuntos, criávamos um retalho que era mais tecido, recortado, pelo ato de tecer textos, cenas, ligações entre assuntos. Um grande bordado, onde as linhas do bordar não aparecem a todos, fica naquele emaranhado, por trás da imagem bordada a frente. Tecer, costurar... estamos nesse caminho a tanto tempo, de entender como costurar tantas histórias, testando, revendo, recontando...

Me encho de felicidade ao saber que ele nasceu, foi ao mundo, mas mesmo recluso em casa, tem se mostrado um projeto autoimune.

No caso,

Vamos ao que interessa

Agradeço a leitura

Eu aqui num dia noite tarde

Que escrevi esse texto

Lhe informo que as fotos, anexos ou apêndices que seguem abaixo são explanativos ou provocativos.

Ah, além disso

Me trouxe uma questão

Afeto se busca em si

Nos seus

Nos que você vê afeto.

E no mundo inteiro, se você olhar direito, tem um afeto esperando para romper uma armadura.

REFERÊNCIAS

- DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. Boitempo. São Paulo, 2016.
- FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.
- _____. *Pele Negra, Máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo. Editora Elefante., 2019.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa. Antígona Editora, 2014.
- MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, nº11, p. 20-25, 2017.
- NASCIMENTO, Abdias do. *Dramas para negros e prólogo para brancos: antologia de teatro negro-brasileiro*. Rio de Janeiro. Edição do Teatro experimental do negro, 1961.
- RESTIER, Henrique & SOUZA, Rolf Malungo de. *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. São Paulo. Ciclo Contínuo Editorial. 2019.
- RODRIGUES, Nelson. *Anjo Negro*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira Participações, 2020.
- SOME, Sobonfu. *O espírito da intimidade – Ensinaamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. Odyseus, 2007.
- TREVISAN, João Silveiro. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- VEIGA, Lucas. *Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta*. In: RESTIER, Henrique & SOUZA, Rolf Malungo de. *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. São Paulo. Ciclo Contínuo Editorial, 2019.
- VIDARTE, Paco. *Ética Bixa: Proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*. São Paulo. N-1 Edições. 2019.

APENDICE: ZAZI POR ZAZI

(Escrito por Zazi para a publicação)

Zazi Corrêa, Nascida Isabella Cristina Corrêa, vinda do interior de São Paulo.
Vale do Paraíba, São José dos Campos, ao lado do rio que carrega fé e histórias.
Com a licença poética escolho aqui algumas palavras para explicar e definir, tentar ao menos.

Quem é e por onde passou.

Um cor: Vermelho.

Uma árvore: embondeiro

Um palavra gostosa de falar: Aroeira

Zazi, como ela mesma diz, veio fugida do mato, refugiada na Selva.

Subiu na colina e gritou.

Quem sabe aprende a voar.

Por de trás dos mares de morros que cercam São José, olhava o horizonte jurando que por
detrás daquelas montanhas havia mar.

Acertou, pelo menos quase, depende para qual lado do horizonte olha.

às vezes olhava para dentro do continente jurando que além do horizonte havia mar.

Mas há mesmo, não é? Afinal ninguém definiu distâncias do olhar ao longe.

Fez dois anos de Filosofia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Abandonou.

Fez seis meses de História da Arte na Universidade Federal de São Paulo.

Abandonou

Fez seis meses de dramaturgia na SP Escola de Teatro.

Abandonou.

Ao olhar esses dados quero que se perguntem. Existe estatística nisso?

Reconheceu-se mulher negra através do racismo e não do afeto.

Tem tentado não percorrer o caminho da dor ao transformar as palavras não ditas em algo
palpável no papel.

Tem sido o seu próprio bote salva vidas.
Aroeira. Palavra bonita.
Embondeiro, palavra sagrada.
Zazi Corrêa. presente hoje, resultante de histórias que não consegue contar.
Busca sua ancestralidade ao tentar não fugir do medo e dos traumas, tenta encará-los.
Gosta de escrever, fala mais através do papel do que pela boca.
Hoje, Pedagoga em Formação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
Pretende finalizar este curso, como disse emicida.
“Cê vai atrás desse diploma
Com a fúria da beleza do sol, entendeu?
Faz isso por nóiz
Faz essa por nóiz (Vai)
Te vejo no pódio”³⁵

Quer ser grande, quer ser maior que os sonhos que seus ancestrais sonharam para ela.
Deseja e luta pela liberdade.

Se fosse escolher uma palavra, diria Oraieiô, mãe Oxum.

³⁵ Trecho do fim da música “AmarElo”, de Emicida, com participação de Majur e Pablio Vittar. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/emicida/amarelo-feat-majur-e-pablio-vittar/>. Acesso em 02 de maio de 2021.

ANEXO - FOTOS DO PROCESSO

As fotos abaixo são registros de ensaios e encontros ao longo do processo criativo.

As legendas são ou cenas ou encontros.

Algumas, dispensam legendas.



Zazi e Eu.



“A Locura da Solidão”



“Acerte o preto”



“Máscaras”





Registro do primeiro ensaio.



Segundo ensaio



“Espelho/crush”



“início de improviso livre”



Cu, sexo.





